

Capítulo 1

*Ilha das Três Irmãs
Dezembro de 2003*

Ela olhava directamente para a frente à medida que a ponta da ilha que mais parecia uma curva verde à distância, começou a revelar os seus segredos. Havia o farol, é claro. O que seria de uma ilha na costa da Nova Inglaterra sem a sua vigorosa lança luminosa? Aquela aqui, pura e ofuscante de tão branca, elevava-se sobre um penhasco duro e áspero. *Exactamente como deveria ser*, pensou Nell.

Havia uma casa de pedra junto ao farol, cinza como a cor da névoa escura sob os raios brilhantes do sol do Verão. Tinha telhados pontiagudos e o que parecia ser uma varanda ao redor do andar superior.

Ela já observara várias pinturas que retratavam o *Farol das Irmãs* e a casa que parecia tão sólida e enraizada, ao lado dele. Foi um quadro desses, que vira numa loja de recordações na pequena cidade na costa, que a fizera ir de forma tão impulsiva na direcção dos batelões que levavam à ilha.

Vinha a seguir impulsos e instintos há já seis meses, apenas oito semanas depois do meticuloso e tão bem arquitectado plano que finalmente a tinha libertado.

Cada momento daqueles dois primeiros meses tinha sido feito de puro terror. Depois, pouco a pouco, o estado de terror contínuo transformara-se em ansiedade, e depois num tipo diferente de medo, quase como uma sensação de fome e carência, um receio de que pudesse perder o que tinha conseguido reconquistar.

Foi preciso que ela morresse para que pudesse viver de novo.

Agora estava cansada de fugir, de se esconder, de se perder em metrópoles abarrotadas. Queria um lar. Não fora isso que sempre quisera? Uma pequena casa, raízes, uma família, amigos. Gente à sua volta que jamais fosse muito severa ou implacável demais nos julgamentos.

Talvez achasse uma parte de tudo o que procurava ali naquele lugar, naquele pedacinho de terra embalada pelo mar. Certamente encontrava-se agora no ponto mais a leste do país. Não poderia estar mais longe de Los Angeles do que ali naquela pequena ilha, a não ser que saísse do país de uma vez por todas.

Se não conseguisse encontrar trabalho na ilha, mesmo assim ficaria ali por alguns dias. Como uma espécie de descanso, umas pequenas férias na sua fuga, decidiu. Iria aproveitar as praias rochosas, a pequena cidade; poderia escalar os penhascos e vagar pelo espesso manto de florestas.

Aprendera a celebrar e a tratar com carinho cada momento em que se sentisse viva. Isso era uma coisa da qual jamais se esqueceria.

Deliciada com os chalés de madeira que vira espalhados atrás do cais, inclinou-se sobre o gradeamento do batelão e deixou o vento soprar através dos cabelos. Estes já tinham voltado à cor original, um louro desbotado pelo sol. Ao fugir, ela cortara-os bem curtos, como os de um menino, para se livrar dos longos e desorganizados cachos louros, e depois tingira-os de castanho-escuro. Ao longo dos últimos meses, ela trocara a cor periodicamente: vermelho-fogo, preto-carvão, um tom sedoso de castanho que parecia pele de marta... Sempre muito curtos e totalmente lisos.

Parecia significar alguma coisa nova, aquela vontade repentina que sentia de finalmente os deixar em paz. Tinha a ver talvez com ela própria estar a tentar recuperar-se a si mesma, pensou então.

Evan sempre gostara de os ver bem longos, com os cachos rebeldes. Algumas vezes ele arrastara-a pelo chão, segurando-a pelos cabelos, subindo as escadas, usando-os como correntes.

Não, nunca mais os usaria tão longos novamente.

Um calafrio percorreu-lhe o corpo, e olhou depressa para trás sobre os ombros, observando atentamente os carros que estavam no batelão, reparando nas pessoas à sua volta. A

sua boca ficou seca, a sua garganta a arder enquanto tentava encontrar um homem alto, magro, com cabelos dourados, olhos claros e duros como o aço.

Mas ele não estava lá, é claro. Estava a quase seis mil quilómetros dali. Ela estava morta para ele. Não fora ele mesmo quem dissera que ela só iria conseguir livrar-se dele quando morresse?

Então... Helen Remington morrera para que Nell Channing pudesse viver.

Furiosa consigo mesma por se deixar voltar ao passado, mesmo que apenas por um momento, Nell tentou acalmar-se. Inspirou o ar, lenta e profundamente. Um ar salgado, molhado. A liberdade.

Enquanto sentia que os seus ombros começavam a relaxar lentamente, um esboço de sorriso brincou na sua boca. Ficou ali, agarrada à grade, uma mulher pequena com cabelos curtos da cor do sol, com pontas que dançavam alegremente em torno do seu rosto delicado. A boca, macia e sem pintura, curvava-se para cima e insinuava pequenas covinhas nas bochechas. O prazer do momento emprestou-lhe à pele um tom rosado e brilhante.

Estava sem maquilhagem, outro acto deliberado. Uma parte dela estava ainda a esconder-se, estava ainda a ser caçada, e ela fazia tudo o que podia para passar despercebida.

No passado fora considerada uma mulher muito bela, e tinha-se tratado e arranjado de acordo com essa imagem. Vestira o que a mandavam vestir, usava roupas insinuantes, sensuais e sofisticadas, escolhidas por um homem que afirmava amá-la acima de todas as coisas. Conhecera o toque suave da seda mais pura sobre a pele; soubera como é ter casualmente em torno do pescoço uma gargantilha de finos diamantes. Helen Remington conhecera todos os privilégios de ser muito rica.

Mesmo assim durante três anos vivera com medo e profundamente infeliz.

Nell usava uma camisa simples de algodão sobre calças de jeans desbotadas. Os pés estavam confortáveis dentro de ténis brancos muito baratos. A sua única jóia era um medalhão antigo que pertencera à sua mãe.

Certas coisas eram preciosas demais para se deixar para trás.

Enquanto o batelão se aproximava lentamente do cais, foi caminhando de volta para o carro. Chegaria à Ilha das Três Irmãs levando apenas uma pequena bolsa com alguns pertences, um Buick em segunda mão todo enferrujado e 208 dólares. Era tudo o que tinha no mundo.

Não poderia ser mais feliz.

Nada — pensou enquanto estacionava o carro junto do cais e começava a vagar pelas redondezas a pé — poderia estar mais distante dos palácios de prazer e esplendor de Beverly Hills. E nada, compreendia agora, jamais lhe trouxera tanto apelo à alma do que aquela pequena cidade que parecia saída directamente de um cartão-postal. As casas e as lojas eram simples, limpas e arrumadas, com as suas cores ligeiramente desbotadas pelo sal do mar e pelo sol. As ruas, pavimentadas com pedras arredondadas, estavam cheias de pequenas curvas e subiam em ladeiras acima do terreno elevado ou desciam em linha recta, como flechas, de volta ao cais.

Os jardins eram cuidados com muito amor, como se o mato e as ervas daninhas fossem ilegais ali. Cães latiam atrás de cercas brancas feitas de pequenas estacas, e crianças andavam por toda a parte em bicicletas vermelho-cereja e azul-cintilante.

O cais, por si só, já era um exemplo de organização. Havia muitos barcos com redes, homens com bochechas vermelhas e botas de borracha de cano alto. Dava para sentir o cheiro de peixe e de suor.

Caminhando até ao cume da ladeira que vinha do cais, ela virou-se e olhou para trás. Dali era possível ver barcos com turistas que atravessavam a baía, e os pequenos bancos de areia, formando praias onde as pessoas se espalhavam deitadas sobre toalhas ou se balançavam e se atiravam para a rebentação energética das ondas. Um pequeno autocarro vermelho com letras brancas que diziam EXCURSÕES TRÊS IRMÃS estava a ficar rapidamente cheio de turistas que chegavam para passar o dia, sempre acompanhados pelas suas máquinas fotográficas.

A pesca e o turismo, imaginou Nell, eram os meios de subsistência da ilha. Mas isso era o verdadeiro espírito da economia. Fincar o pé contra as intempéries, o mar, as tempestades e o tempo, sobrevivendo e prosperando no seu ritmo próprio. Isso, pensou, era o verdadeiro espírito da coragem.

E ela levava muito tempo para encontrar a sua coragem.

A rua alta atravessava a parte final da ladeira, dividindo o monte. Lojas maiores, restaurantes e outras construções que ela supunha serem o centro de negócios da ilha alinhavam-se ali. Um dos restaurantes deveria ser a sua primeira paragem, decidiu. Era possível que conseguisse um emprego como empregada ou ajudante de cozinha, pelo menos durante a temporada de Verão. Se encontrasse trabalho, iria então procurar um quarto para alugar.

Sentiu que poderia ficar ali por uns tempos.

Em poucos meses as pessoas já a conheceriam. Acenariam para si quando passasse, ou chamá-la-iam pelo seu nome. Já estava cansada de ser uma completa estranha nos lugares, de não ter ninguém com quem conversar. Ninguém que se importasse consigo.

Parou para avaliar o hotel. Diferente das outras construções, esta era revestida de pedra em vez de madeira. Os seus três andares com decoração elegante e elaborada, varandas de ferro trabalhado e telhados pontiagudos eram inegavelmente românticos. E o nome combinava: “A Pousada Mágica”.

Havia uma boa hipótese de encontrar trabalho ali. Servindo às mesas no salão de jantar, ou como uma das integrantes da equipe de limpeza. Um emprego era agora a prioridade número um.

Mas não conseguiu entrar e lidar com aquilo. Queria um pouco mais de tempo primeiro, um pouco de tempo para ela, antes de resolver as questões práticas.

Atarantada, era o que Evan a teria chamado. *És muito atarantada e demasiadamente tola. Isso não é bom numa pessoa, Helen. Agradece a Deus por me teres para cuidar de ti.*

Pelo facto da voz dele parecer brincar tão claramente dentro dos seus ouvidos, e porque as suas palavras beliscaram a confiança que conseguira reconstruir tão lentamente, resolveu sair deliberadamente dali e começou a caminhar na direcção oposta.

Poderia conseguir a porcaria do emprego noutra hora qualquer, quando estivesse mais preparada. Agora ia simplesmente caminhar por ali sem rumo, como um turista, fazer pequenas explorações. Quando tivesse acabado de circular por toda a rua alta, voltaria até ao cais para buscar o carro e daria uma volta em torno da ilha. Não iria sequer parar no Departamento de Turismo do lugar para pegar num mapa.

Seguindo os seus instintos, colocou a mochila nas costas e atravessou a rua, passou por lojas de artesanato, lojas de presentes, olhou sem compromisso as vitrinas. Gostava de coisas bonitas colocadas sobre prateleiras de forma casual, sem finalidade específica. Um dia, quando assentasse a sua vida novamente, montaria uma casa decorada como bem quisesse, cheia de pequenos objectos interessantes, coisas divertidas e muitas cores em todo o lado.

Uma gelataria fê-la sorrir. Havia mesas redondas com tampo de vidro e cadeiras de ferro pintadas de branco. Uma família de quatro pessoas estava sentada numa delas, rindo muito enquanto enfiavam as colheres e escavavam o creme batido salpicado de bolinhas coloridas e crocantes. Um rapaz muito novinho usando um gorro branco estava atrás do balcão, e uma jovem, usando uma calças de ganga apertadas, com a bainha desfiada, namoriscava com ele, enquanto escolhia os sabores.

Nell fez um esboço da imagem na sua mente, como que para a guardar, e seguiu em frente.

A livraria fê-la parar, e soltou um suspiro. A sua casa estaria cheia de livros, também, mas não exemplares raros, de primeira edição, que não eram feitos para serem abertos e lidos. Ela teria livros velhos, marcados, e alguns romances de bolso novos e brilhantes, todos misturados num turbilhão de histórias, nas prateleiras. Na verdade, isso era uma coisa que ela poderia começar agora mesmo. Um romance de bolso não adicionaria muito peso à sua mochila, se tivesse que seguir em frente.

Olhou para a parte de cima da vitrina, onde viu escrito em letras góticas espalhadas pelo vidro o nome da loja. “Café dos Livros”. Ora, isso era perfeito. Poderia vasculhar as prateleiras, encontrar alguma coisa interessante para ler e dar uma olhada enquanto tomava uma chávena de café.

Entrou na loja e sentiu no ar uma fragrância de flores e temperos, e ouviu uma música suave tocada ao fundo, com flautas e harpas. Não era só o hotel que era mágico — pensou Nell, no minuto em que atravessou o portal da loja.

Livros, num banquete de cores e formatos, estavam alinhados em prateleiras pintadas de azul-escuro. Acima da cabeça, pequenas luzes pendiam em cascata do tecto, como estrelas cadentes. O balcão da caixa era um gabinete de carvalho antigo, todo entalhado com fadas aladas e luas crescentes.

Uma mulher com cabelos escuros estava sentada num banco alto atrás do balcão, folheando preguiçosamente um livro. Olhando para cima, ajustou os óculos de leitura com moldura prateada.

— Bom-dia. Posso ajudá-la?

— Vou só dar uma olhadela por aí, se não houver problema.

— Claro, fique à vontade. Se precisar de algo especial, é só dizer.

Ao ver que a empregada voltava para o livro, Nell começou a vaguear pela loja. Do outro lado da sala, duas generosas poltronas estavam voltadas para uma lareira. Na mesa que ficava entre elas havia uma jarra cuja base tinha a forma de uma mulher com um manto sobre a cabeça, as mãos unidas e levantadas para o alto. Noutras prateleiras havia bugigangas diversas, pequenas estátuas de pedra colorida, ovos de cristal, dragões. Nell circulava através deles, passando por livros de um lado e fileiras de velas do outro.

No fundo da loja, um lance de escadas em curva levava ao segundo andar. Subindo, encontrou mais livros, novas quinquilharias, e a pequena cafetaria. Meia dúzia de mesas de madeira envernizada estavam colocadas próximas à janela da frente. Ao longo de um dos lados, havia um balcão todo de vidro, exibindo uma impressionante quantidade de massas, bolos, sanduíches e um pequeno caldeirão com a sopa do dia. Os preços eram um pouco inflacionados, mas não absurdos. Nell pensou que um pouco de sopa cairia bem, antes do café.

Chegando mais perto, ouviu vozes que vinham da porta que ficava atrás do balcão e estava aberta.

— Jane, isso é ridículo, e totalmente irresponsável!

— Não, não é! É a grande oportunidade do Tim e uma forma de sair desta porcaria de ilha. Queremos aproveitar esta oportunidade!

— A possibilidade de um teste para uma peça que poderá ou não ser produzida, e ainda por cima fora do circuito da Broadway, *não é* uma grande oportunidade. Nenhum de vocês dois vai sequer ter um emprego quando chegar lá. Não vão conseguir nem...

— Nós já decidimos, Mia! — cortou Jane. — Eu avisei-te que só iria trabalhar até ao meio-dia de hoje, e já trabalhei até ao meio-dia.

— Mas só me disseste isso há menos de vinte e quatro horas! — Havia impaciência na sua voz. Uma voz um pouco grave, muito agradável. Sem conseguir evitar, Nell foi-se chegando mais perto. — Como é que vou conseguir manter a cafetaria a funcionar sem ninguém para cozinhar?

— Só pensas em ti, não é? Não consegues nem ao menos desejar-nos boa sorte!

— Jane, teria que desejar-vos um milagre, porque é isso que vão precisar em Nova York. Ouve, espera um pouco... Não saias assim, cheia de raiva ou ressentimentos.

Nell pressentiu uma sombra a mover-se em direcção à porta e afastou-se para o lado. Ficou, porém, dentro do raio de escuta.

— Tenham cuidado, Jane! Sejam felizes. Ora, raios... que sejam ambos abençoados.

— Tudo bem... — Ouviu-se uma fungadela alta. — Desculpa, a sério. Sinto muito por deixar-te assim, de uma hora para outra. É que o Tim tem que agarrar esta oportunidade, e eu preciso de estar com ele. Então... vou sentir muitas saudades, Mia. Prometo que vou escrever.

Nell conseguiu abaixar-se entre duas prateleiras mesmo na altura em que uma mulher, a chorar, passou a correr vinda detrás do balcão, e desceu a correr as escadas.

— Só me faltava mesmo esta!

Nell escutou, vindo lá de dentro. Esticando o pescoço para olhar, piscou os olhos automaticamente, admirada.

A mulher que estava em pé atrás do balcão parecia uma visão. Nell não conseguiu pensar noutra palavra para ela. Tinha uma massa pesada de cabelos da cor de folhas de Outono. Cintilações vermelhas e douradas escorriam-lhe dos ombros de um longo vestido azul sem mangas, que deixava os seus braços livres para ostentar uma grande quantidade de braceletes de prata que brilhavam em cada pulso. Os olhos faiscavam, mostrando um génio forte. Eram

acinzentados como o fumo, e dominavam um rosto perfeito. Maças do rosto salientes, uma boca cheia e larga, pintada num tom de vermelho-vivo. A pele parecia... Nell já ouvira alguém comparar a pele de uma pessoa a alabastro ou a porcelana, mas era a primeira vez que via isso pessoalmente.

Era esbelta, alta e com um corpo perfeito.

Nell olhou para as mesas à volta, no salão da cafetaria, para ver se algum dos clientes espalhados por ali estava tão boquiaberto quanto ela. Mas ninguém parecia reparar na mulher de temperamento forte e com uma energia que circulava ao seu redor como água a ferver, agitada.

Esticou um pouco mais o pescoço para dar uma olhadela melhor, e os olhos cinzentos mudaram de direcção e caíram inesperadamente sobre ela.

— Olá! Deseja comer alguma coisa?

— Eu estava... Eu pensei... Gostaria de uma chávena de *cappuccino* e uma tigela de sopa. Por favor!

Um ar aborrecido cintilou nos olhos de Mia com tanta força que quase empurrou Nell de volta até as prateleiras dos livros.

— Posso servir a sopa. Temos sopa de verduras com lagosta. O problema é que a máquina de café expresso está além da minha capacidade porque não sei mexer nela.

— Posso preparar o café eu mesma... — E Nell olhou para a maravilhosa máquina de metal prateado e de cobre, sentindo um arrepio.

— Sabe como fazer funcionar aquela coisa?

— Sim. Na verdade, sei, sim!

Considerando o assunto, Mia fez um gesto para que Nell passasse para o lado de dentro do balcão, e ela mais que depressa correu para lá.

— Posso aproveitar e preparar um para si também, se desejar.

— É... Por que não? — *Ela é como um coelhinho corajoso* — avaliou Mia, enquanto observava Nell assumir o controle da máquina. — Como é que veio parar aqui? É uma dessas turistas que andam por aí, à boleia?

— Eu?... Ah, não! — Nell ficou vermelha, lembrando-se da mochila que carregava nas costas. — Estou só a explorar a ilha um pouco. Estou a procurar um emprego e um quarto para alugar.

— Ah!...

— Desculpe, sei que não parece educado, mas eu ouvi a sua... conversa ainda agora. Se percebi como deve ser, parece que está numa enrascada. E eu sei cozinhar.

— Sabe mesmo?... — Mia observou o vapor a subir. Ouviu o chiar da máquina.

— Sou uma excelente cozinheira. — Nell ofereceu a Mia o café espumante. — Já trabalhei em bares, já trabalhei numa pastelaria e até já fui empregada de balcão. Sei bem como preparar a comida e também sei como servi-la.

— Que idade é que tem?

— Vinte e oito.

— Tem algum antecedente criminal?

— Não! — Uma gargalhada quase escapou da garganta de Nell. Por um momento o riso dançou com vivacidade nos seus olhos. — Sou entediante, de tão honesta, uma trabalhadora de confiança e uma cozinheira muito criativa. — *Não fiques a tagarelar e pára de te gabares assim!*, ordenou a si mesma em pensamento, mas não conseguiu parar. — Preciso do emprego porque estava a pensar em me mudar, morar aqui nesta ilha. E gostaria de trabalhar aqui porque adoro livros e gostei da... bem... da atmosfera agradável que senti na sua loja, assim que entrei nela.

— E o que é que sentiu, exactamente, quando entrou? — Mia, intrigada, estava com a cabeça um pouco pendida para o lado.

— Possibilidades.

— E acredita em... possibilidades? — continuou Mia, avaliando que aquela tinha sido uma resposta excelente.

— Sim, tive que aprender a acreditar — disse Nell, pensativa.

— Com licença... — Um casal aproximou-se do balcão. — Queríamos dois cafés com dois daqueles bolinhos cobertos de creme.

— Claro, é só um instante. — Mia virou-se para Nell. — Está contratada! O avental está lá atrás. Mais tarde acertamos os detalhes. — E experimentou o *cappuccino*, acrescentando, enquanto se chegava um pouco para o lado. — Humm... Delicioso! E... como é que é mesmo o seu nome?

— Nell. Nell Channing.

— Muito prazer. Bem-vinda à Ilha das Três Irmãs, Nell Channing.

Mia Devlin dirigia a loja “Café dos Livros” da mesma maneira como dirigia a sua vida. Com um estilo nascido do puro instinto, transmitia claramente a sua satisfação pessoal. Era uma mulher de negócios competente, que gostava de lucros e de levar a melhor. Sempre. Porém, dentro dos seus próprios termos.

O que a aborrecia, ela ignorava. O que a intrigava, porém, ela perseguia, buscando respostas. E, naquele momento, Nell Channing deixava-a intrigada.

Se Nell estivesse a exagerar ao falar dos seus dotes, Mia poderia despedi-la tão depressa quanto a contratara, e sem remorsos. Poderia também, é claro, se o seu espírito assim lhe indicasse, ajudar Nell a conseguir um emprego em algum outro lugar. Isso não levaria muito tempo, nem iria interferir nos seus negócios.

Tinha tomado aquela atitude apenas porque alguma coisa em Nell a tinha cativado, no instante em que aqueles imensos olhos azuis da recém-chegada se encontraram com os seus.

Inocência maltratada. Essa tinha sido a primeira impressão de Mia, e ela confiava nas suas primeiras impressões, implicitamente. Sentira também competência nela, embora a autoconfiança da moça lhe parecesse um pouco abalada.

De qualquer forma, uma vez que Nell se adaptasse e começasse a familiarizar-se com o trabalho na cafeteria, conseguiria afirmar-se nessa área também.

Mia observou-a durante toda a tarde, reparou que ela conseguia anotar com precisão os pedidos, lidava bem com os clientes, saía-se bem tanto na máquina registadora quanto na outra, a misteriosa máquina de café expresso.

Seria necessário apenas enfeitá-la um pouco, decidiu Mia. Toda a gente se vestia de modo casual na ilha, mas aquelas calças *jeans* velhas e gastas eram um pouco informais demais para o gosto da dona da loja.

Satisfeita no momento, Mia voltou e entrou na cozinha da cafeteria. Ficou impressionada ao ver que as bancadas e os equipamentos estavam impecavelmente limpos. Jane jamais conseguira ser uma cozinheira organizada, embora a maioria dos doces e salgados não fosse preparada na cozinha da loja.

— Nell!

Apanhada de surpresa, Nell deu um pulo e virou-se devagar da frente do fogão, onde estivera a raspar e a limpar os queimadores. O seu rosto ficou ruborizado ao olhar para Mia e para uma jovem que estava ao seu lado.

— Desculpe, não quis assustá-la. Esta é a Peg. Ela atende ao balcão no horário da tarde, das duas às sete.

— Ah... Olá, como está?

— Olá!... Não consigo acreditar que a Jane e o Tim estejam mesmo de partida. E para Nova York! — Peg parecia estar com um pouco de inveja. Era baixa e tinha um ar alegre e um pouco atrevido. Tinha uma profusão de cabelos encaracolados louros e descoloridos, quase brancos. — A Jane sabia preparar uns brioques de amora que eram uma loucura!

— Pois — interrompeu Mia —, mas a Jane e os seus brioques já não estão mais aqui. Tenho de conversar com a Nell agora, enquanto isso fica a tomar conta da cafeteria.

— Está certo. Falamos mais logo, Nell.

— Por que não usamos o meu escritório? — propôs Mia. — Para acertarmos os detalhes da sua contratação. Geralmente abrimos das dez às sete, no Verão. No Inverno, fechamos duas horas mais cedo, às cinco. A Peg prefere o turno da tarde. Gosta de sair à noite e detesta acordar cedo. De qualquer modo, já que começamos a servir às dez, vou precisar de si aqui logo de manhã, antes de abrimos.

— Para mim está ótimo — e seguiu Mia por mais um estreito lance de escadas. Nell não prestara atenção por fora, mas a loja tinha três andares, e ela não havia reparado nisso. Alguns meses atrás, jamais teria deixado de perceber esse detalhe, aparentemente comum. Ela ter-se-ia certificado de todos os espaços, cada canto do local, as possíveis saídas.

Ficar mais relaxada não significava baixar a guarda, lembrou-se a si mesma. Tinha que estar sempre preparada para fugir de novo, a qualquer momento, quando menos esperasse.

Passaram por uma grande sala que servia de depósito e estava apinhada de prateleiras e caixas de livros. Passando por uma porta ao fundo da sala, entraram no escritório de Mia.

A escrivainha de cerejeira clara, obviamente uma antiguidade, combinava com ela, pensou Nell. Imaginava Mia cercada de coisas ricas e maravilhosas. Havia muitas flores ali, plantas viçosas, pequenos pedaços de cristais diversos e pedras polidas colocadas em tigelas. Ao lado da mobília elegante estava um computador, um fax, arquivos com fundas gavetas e prateleiras cheias de catálogos de editoras.

— Já estive algumas horas a trabalhar na cafeteria, portanto já deve ter percebido o tipo de cardápio que oferecemos. Há uma sanduíche especial todos os dias, temos também a sopa do dia e uma pequena seleção de sanduíches alternativas. Duas ou três variedades de saladas frias. Salgados, doces, brioques, biscoitos finos. Eu sempre deixei a escolha do menu por conta da cozinheira. Está tudo bem assim, para si?

— Sim, senhora.

— Por favor, *senhora* não! Sou apenas um ano mais velha do que você. Chame-me simplesmente de Mia, está bem? Até termos a certeza de que vai dar tudo certo, preferia que trouxesse o menu do dia seguinte para minha aprovação. — E pegou num bloco, de uma das gavetas, entregando-o a Nell. — Por que não tenta escrever o que teria em mente para oferecer amanhã, por exemplo?

O pânico começou a crescer dentro de Nell, e os seus dedos tremiam. Respirando fundo, esperou até que a sua mente se acalmasse e ficasse clara, e então começou a escrever, enquanto falava.

— Nesta época do ano, acho que devíamos oferecer sopas leves, então... pensei num *consommé* de ervas. Uma salada de massa fina, tipo *tortelli*, outra de feijão-branco, e uma maionese de camarão. Poderíamos oferecer uma sanduíche de frango temperado, com pão árabe, e uma seleção de legumes e vegetais, mas eu teria que ver o que é que há no mercado. Sei fazer tortas de frutas, também, mas depende das frutas da época, que sempre têm melhor aspecto. Os bolinhos de massa leve parecem muito populares, eu poderia fazer o dobro do que está no balcão. Uma torta húmida com seis camadas de chocolate e creme. E também sei preparar brioques de amora, que são uma loucura, e de nozes também. Estamos com poucos biscoitos de nozes. E quanto aos biscoitos crocantes... Acho que aqueles com pedaços de chocolate dentro nunca vão mal. E noz-moscada, também. Em vez de um terceiro tipo de biscoito, eu ofereceria bolinhos com amêndoas. Sei preparar um irresistível bolinho desses, com três camadas de creme por dentro.

— Quantas dessas delícias consegue preparar aqui na cozinha da loja?

— Todas, acho eu. Só que, se está a pensar em começar a servir as massas, os salgados e os bolinhos assim que abrir a loja às dez, então vou ter que começar a prepará-los às seis da manhã.

— E se tivesse a sua própria cozinha?

— Ah... bem... *Que maravilha que isso seria!*... Se eu tivesse uma cozinha equipada, poderia preparar quase todo o menu na véspera, à noite, e deixaria só para assar pela manhãzinha, para ficar tudo bem fresquinho.

— Ah, Ah... — Mia estava pensativa. — Quanto dinheiro é que tem, Nell Channing?

— O suficiente.

— Não fique melindrada com a pergunta — avisou Mia, em tom de brincadeira. — Posso dar-lhe um adiantamento de cem dólares. Isso fica já por conta de um salário, para começar, de sete dólares por hora. Você vai registrar todas as horas trabalhadas, inclusive o tempo que levar para fazer as compras no mercado e as horas que levar para preparar a comida diariamente, em casa. Pode comprar lá tudo o que precisar, ingredientes, temperos e acessórios, e colocar na conta da loja. No final do dia, entrega-me os recibos, para o meu controle de gastos.

Quando Nell abriu a boca para falar, Mia simplesmente levantou um dos seus elegantes dedos com unhas da cor de coral.

— Espere! — disse ela. — Fará também parte do seu trabalho servir e limpar as mesas nas horas de maior movimento, e dar assistência aos clientes nas secções de livros do andar, nas horas mais paradas. Haverá dois intervalos de meia hora nos turnos, folga aos domingos, e quinze por cento de desconto como funcionária da loja nas suas compras, não incluindo comida ou bebida, as quais, a não ser que você se revele uma gulosa, fazem parte das suas mordomias. Está a conseguir acompanhar-me até aqui?

— Sim, mas eu...

— Bem. Estarei aqui todos os dias. Se houver algum problema com o qual não consiga lidar, traga-o a mim. Se eu não estiver disponível no momento, fale com a Lulu. Ela normalmente fica na caixa do andar de baixo, e sabe tudo sobre a loja. Você parece ser esperta e vai apanhar tudo, bem depressa. Se não souber dar alguma resposta a algum cliente, não hesite em perguntar. Agora, vamos a outro assunto. Está à procura de um lugar para ficar.

— Sim... — Falar com Mia era como ser levada por um vento forte e inesperado. — Eu estava a pensar em...

— Venha comigo. — Mia pegou num molho de chaves de uma gaveta e afastou-se da escrivaninha, fazendo soar os saltos no chão, em pancadas curtas e agudas. Nell notou que ela estava a usar um maravilhoso par de sapatos com salto-agulha.

Ao chegarem ao andar térreo, ela foi directa a uma porta que saía pelos fundos da loja.

— Lulu! — gritou. — Volto em dez minutos!

Sentindo-se desajeitada e tola, Nell seguiu-a pela porta dos fundos do estabelecimento e saiu para um pequeno jardim que tinha um caminho marcado por pedras planas. Uma imensa gata preta estava esparramada a apanhar sol sobre uma das pedras da passagem, e piscou os luminosos olhos dourados quando Mia saltou com agilidade por cima dela.

— Esta é a Ísis. Ela não a vai incomodar.

— É linda! É você quem cuida do jardim?

— Sim! Nenhum lugar é um verdadeiro lar se não tiver flores. Ah, eu esqueci-me de perguntar. Tem transporte próprio?

— Sim, tenho um carro. Só que ele não pode exactamente ser chamado de “transporte”.

— Mas é útil. Não vai precisar de ir muito longe, mas seria trabalhoso trazer os ingredientes do mercado a pé pela rua, todos os dias. Ao chegar à ponta do terreno, Mia virou à esquerda mantendo o ritmo apressado, e passou pelos fundos de diversas lojas que ficavam em frente a casas impecavelmente mantidas.

— Senhora... Desculpe, eu não sei o seu apelido.

— É Devlin, mas eu já disse que pode chamar-me apenas de Mia.

— Mia, agradeço muito pelo emprego e pela oportunidade. Posso também prometer-lhe que não se vai arrepender, mas... posso saber para onde estamos a ir?

— Você precisa de um lugar para ficar. — E, virando uma esquina, parou e apontou com um gesto: — Aquele deve servir.

Do outro lado da rua estreita estava uma pequena casa amarela, plantada como um raio de sol radiante, à beira de uma alameda de pequenas árvores. As persianas eram brancas, e havia uma varanda estreita na frente. Havia muitas flores ali também, numa dança alegre de brilhantes cores de Verão.

Ficava um pouco afastada da rua, com um pequeno relvado à frente, muito bem tratado, com árvores mais altas que a mantinham na sombra e filtravam a luz do sol.

— Esta casa é sua? — perguntou Nell.

— Sim. Por enquanto. — Balançando as chaves, Mia caminhou pela entrada pavimentada com lajes. — Eu comprei-a na Primavera passada.

Tinha sido compelida a comprá-la, Mia lembrava-se agora. *Como um investimento*, convencera-se a si própria na época. E, apesar disso, ela, uma mulher de negócios até aos ossos, não fizera nada até àquele momento para tentar conseguir um inquilino. Apenas esperara, como lhe parecia agora que a casa é que estivera à espera durante aquele tempo todo.

Destrancando a porta da frente, deu um passo para trás. — Já foi abençoada — avisou.

— Como assim?

— Seja bem-vinda — replicou Mia, apenas acenando com a cabeça.

A mobília era pouca. Um sofá simples que precisava desesperadamente de um estofador, uma poltrona com assento alto e algumas mesas espalhadas.

— A casa tem quartos dos dois lados, embora aquele ali à esquerda seja mais adequado a um estúdio, ou escritório. A casa-de-banho é minúscula, mas adorável, e a cozinha foi toda reformada e deve servir bem. Fica ali, seguindo em frente até aos fundos. Eu trabalhei um pouco nos jardins, mas eles estão a precisar de mais cuidados. Não tem ar condicionado, mas o aquecimento funciona bem. E vai ficar muito feliz também em saber que a lareira está a funcionar perfeitamente, especialmente quando chegarmos a Janeiro.

— É maravilhosa! — Não conseguindo resistir, Nell circulou pela casa, esticando o pescoço para dentro do quarto principal, onde havia uma linda cama com cabeceira de ferro pintada de branco. — Parece uma casinha de fadas. Você deve adorar morar aqui.

— Eu não moro aqui. Quem mora é você.

Nell virou-se, lentamente. Mia estava no centro da sala com as mãos estendidas juntas em concha, com as chaves sobre as palmas. Os raios de luz penetravam pelas duas janelas da frente e parecia que o seu cabelo estava em chamas.

— Eu não compreendo...

— Você precisa de um lugar para ficar, e eu tenho um lugar para si. A minha casa fica nos rochedos, eu prefiro morar lá. Este lugar é só para si, por enquanto. Não se sentiu bem neste ambiente?

Ela sabia apenas que estava a sentir-se muito feliz, e muito nervosa ao mesmo tempo. E que no momento em que pusera os pés naquela casa, ficara com vontade de se espalhar e de se acomodar ali, como se fosse a gata que vira no caminho, sob o sol.

— Então quer dizer que eu posso... morar aqui?

— A vida tem sido difícil para si, não tem? — murmurou Mia. — Por isso é que está a tremer assim, diante de uma coisa boa. Mas vai pagar um aluguer por ela porque nada que venha de graça mantém o seu valor. Vamos calcular em função do seu salário. Acertar e oficializar tudo. Vai ter que voltar lá à loja, assinar formulários, papeladas e assim por diante. Mas isso pode esperar até amanhã. O mercado da Ilha é o melhor lugar para comprar os ingredientes de que vai precisar para o cardápio de amanhã. Vou avisá-los que você vai até lá, para que a deixem colocar todas as compras na conta da loja. Quaisquer despesas adicionais que tenha, panelas, frigideiras, o que precisar, pode comprar, e depois eu confiro tudo no fim do mês. Espero por si e pelas suas criações amanhã de manhã na loja, às nove e meia em ponto.

Mia deu um passo à frente e largou as chaves sobre as mãos trémulas e sem energia de Nell.

— Alguma pergunta?

— Perguntas demais para saber por onde começar. Não sei como é que lhe posso agradecer.

— Economize as lágrimas, irmãzinha — replicou Mia. — Elas são preciosas demais. Vai ter que trabalhar no duro para pagar o que tem aqui.

— Mal posso esperar para começar. — Nell estendeu-lhe a mão. — Obrigada por tudo, Mia.

Apertaram as mãos e, quando as suas peles se tocaram, uma fagulha estalou, azul como uma chama forte, e logo de seguida desapareceu. Tentando sorrir, Nell deu um salto para trás, de susto.

— Deve haver um bocadinho de estática, ou alguma outra coisa no ar, por aqui.

— Ou alguma outra coisa!... Bem, seja bem-vinda, Nell — e, virando-se, Mia foi em direcção à porta.

— Mia! — A emoção apertou-lhe tanto a garganta que até provocou um pouco de dor. — Eu disse ainda há pouco que este lugar parecia uma casinha de fadas. Você então deve ser a minha fada-madrinha.

O sorriso de Mia era ofuscante, e a sua gargalhada soou grave e rica, como um creme denso. — Você vai descobrir, logo logo, que eu estou longe de ser uma fada. Na verdade, estou mais para bruxa. E praticante! Não se esqueça de me trazer os recibos — acrescentou, ainda sorrindo, e fechou suavemente a porta atrás de si, ao sair.